

POLÍTICA ECONÔMICA

* 7 OUT 1989

ESTADO DE SÃO PAULO

Sarney não vê nenhuma crise

O presidente acusa "especuladores desonestos interessados em promover o caos"

BRASÍLIA — O presidente José Sarney voltou ontem a atacar "as tentativas de desestabilização do País", promovidas "por grupos interessados no caos, especuladores desonestos que criam informações falsas para justificar aumentos absurdos

de preços, do dólar e do ouro". A crise, insistiu o presidente, "é falsa, é criada, é imposta e não se justifica".

Sarney rejeitou a alegação dos que responsabilizam a campanha eleitoral e as variações nas pesquisas de votos como fontes de desestabilização. "Não há nenhum motivo", disse o presidente em seu programa semanal **Conversa ao Pé do Rádio**. A campanha eleitoral, prosseguiu, "transcorre sob absoluta normalidade e total liberdade, com a garantia de que o vencedor to-

mará posse e o governo governará sem problemas, com o necessário respaldo da maioria absoluta da Nação". Seja quem for, assegurou Sarney, "o futuro presidente não sofrerá qualquer dificuldade para receber o governo com as informações e meios necessários à sua implantação, de acordo com a lei e a Constituição".

Uma denúncia feita quarta-feira pelo presidente da Federação do Comércio de São Paulo, Abraham Szajman, "uma voz insuspeita", foi lembrada por

Sarney: as taxas de juros cobradas pela indústria nas vendas a prazo, que "aumentaram de um dia para outro para 55% ao mês, muito acima de qualquer inflação projetada para outubro e bem acima das projeções mais especulativas". O próprio Sarney denunciou exemplos de aumentos especulativos: de agosto a setembro, quando a inflação acumulada foi de aproximadamente 75%, a palha de aço foi reajustada em 215%, o sabão em pedra 456% e a pasta de dente em 593%.

INTEGRA

É a seguinte a íntegra do programa **Conversa ao Pé do Rádio** de ontem:

"Brasileiras e brasileiros, bom dia. Aqui vos fala o presidente José Sarney, nesta sexta-feira, 6 de outubro de 1989, em mais uma **Conversa ao Pé do Rádio**.

Desejo, infelizmente, abordar mais uma vez o assunto que se refere às tentativas de desestabilização do País, através dessa onda de boatos sobre a política econômica. São grupos interessados no caos, que permanentemente repetem a mesma técnica. Quantas vezes aqui tenho falado e repetido o que se faz nesse setor e o que isso significa de danos para o nosso país.

Estamos assim, mais uma vez, sofrendo o efeito da ação de especuladores desonestos e ambiciosos que criam, eles mesmos, informações falsas e em seguida usam essas informações para justificar aumentos absurdos de preços, de dólar e de ouro. Estas altas são rigorosamente artificiais. Os números macroeconômicos mostram que não se justifica, de nenhuma maneira, esta alta que está havendo e que é fruto da especulação. Por exemplo, em dois meses a inflação subiu — somados esses dois meses — cerca de 75%. Os salários também foram corrigidos da mesma maneira.

Agora, comparemos esta inflação, que é altíssima, com os aumentos de preços de alguns produtos. Por exemplo, a pasta de dentes aumentou 593%, enquanto a inflação, como eu disse, foi de 75%. A palha de aço 215%, o sabão de pedra 456%. Tudo, muito acima da inflação desses de dois meses. Nada justifica esses aumentos senão a especulação e esse clima que querem criar de desestabilização da economia do País. Uns alegam que é por causa da eleição. Não! Não há nenhum motivo. A campanha eleitoral transcorre sob absoluta normalidade e total liberdade, com a garantia de que o vencedor tomará posse e o governo governará sem problemas, com o necessário respaldo da maioria absoluta da Nação. E mais, seja quem for, o futuro presidente não sofrerá qualquer dificuldade para receber o governo com as informações e meios necessários à sua implantação, de acordo com a Lei e a Constituição.

Portanto, não se pode alegar crise política. Eleição não é crise, é normalidade. E a maioria da população, apoiada nas pesquisas por longa margem, por quase unanimidade, se manifesta pelo regime da livre empresa, da liberdade econômica. Nada, portanto, há a temer.

Todos são testemunhas de que dediquei todo o governo a montar essa transição, a criar no Brasil um clima de certeza democrática, de fé na lei, de garantia das liberdades, e não será agora, na minha sucessão, que os especuladores vão ameaçar com uma falsa crise econômica.

Quero insistir: a crise é falsa, é criada, é imposta e não se justifica. Na quarta-feira, nós, por exemplo, ouvimos o presidente da Federação do Comércio de São Paulo, portanto uma voz insuspeita, denunciar as taxas de juros cobradas pela indústria nas vendas a prazo. Esses juros aumentaram, de um dia para o outro, para 55% ao mês, muito acima de qualquer inflação projetada para outubro e bem acima das projeções mais especulativas. O governo, porém, como eu disse, não vai se abalar. Não alteraremos nossa linha de comportamento e garantiremos a normalidade.

As brasileiras e brasileiros que me ouvem sabem quantas vezes eu tenho dito que o Brasil atravessará crises. E quantas vezes eles anunciaram que a crise está chegando. E essa crise, realmente de desestabilização do País, não chega nem chegará.

"Quantas vezes eles anunciaram que a crise está chegando. Ela não chega nem chegará"

Agora, outro assunto. A nossa Constituição completou ontem, dia 5, um ano de vida. Eu considero que, para julgar a Constituição, um ano é muito pouco. É indiscutível que ela contém grandes avanços na parte dos direitos sociais, na parte dos direitos individuais e em muitos outros capítulos. Mas a Constituição precisa de muitas leis complementares.

Eu quero dizer, com a experiência que eu tenho, que neste ano a prática tem demonstrado muitas dificuldades, quase que intransponíveis, para manter a governabilidade do País com a Constituição tendo um sistema de governo híbrido e, às vezes, até indefinido.

Eu acho que, agora, nós devemos ter racionalidade. Passou o tempo da paixão ao discutir-se o texto constitucional e, para que a

nossa Constituição possa melhorar, todos devemos, juntos, ter a consciência de aperfeiçoá-la para que os seus grandes objetivos sejam atingidos. E a melhor maneira que temos, para comemorar, portanto, um ano da Constituição, para enaltecer a Constituição, é procurar que ela alcance seus objetivos de constituir a liberdade, a democracia e instituições que possam funcionar independentes dos homens e baseadas na lei.

Agora, desejo dar uma palavra ao Banco do Brasil, especialmente aos funcionários do Banco do Brasil, para dizer que essa instituição centenária, que é uma tradição em nosso país, merece, da parte do governo e da parte de toda a Nação, o respeito e ao mesmo tempo o desejo de que ela sempre tenha estabilidade e prosperidade.

Eu quero apenas dar alguns dados que mostram o quanto o Banco do Brasil, durante o meu governo, alcançou de aumentos nas suas operações. Por exemplo, quando eu assumi, o Banco do Brasil tinha a justa reclamação de que não podia concorrer com os outros bancos que eram conglomerados financeiros, quando o Banco do Brasil apenas se restringia a operações limitadas. E que isso tinha determinado a queda da participação do Banco do Brasil no conjunto da vida econômica do País.

Pois bem, eu achei que essa reivindicação era justa e demos ao Banco do Brasil condições de ter sua distribuidora de títulos e valores, a sua corretora de seguros e administradora de bens, a sua financeira, a sua firma de *leasing*, a sua administradora de cartão de crédito, o seu banco de investimento, criamos novos produtos, como o Fundo Mútuo de Investimento, Poupança Ouro, Poupança Verde, Fundo Ouro de Renda Fixa, Fundo ao Portador; enfim, o Banco do Brasil passou a ter os seus instrumentos, todos competitivos com os seus concorrentes.

O resultado disso é que nós tivemos um crescimento real do Banco do Brasil, durante o período do meu governo, de 230% nas suas aplicações totais. Tivemos um crescimento real nos empréstimos de 509% no custeio agrícola, tivemos um crescimento de 126% até no que diz respeito ao crescimento pecuário. E nas captações totais, um crescimento real de 287%. Naquilo que diz respeito à participação do Banco do Brasil dentro do conjunto da área financeira quando eu assumi, a presença do Banco do Brasil era de 11%. Ela vinha decain-

do. Pois bem, agora ela já está em 18,5%. Quando eu assumi, também o Banco do Brasil tinha 3.383 agências. Hoje tem 4.100 agências. Ele tinha 117.498 funcionários e hoje tem 185.425 empregados.

Isto mostra o crescimento do banco, o dinamismo do banco e o desejo que todos nós temos de que o Banco do Brasil cada vez mais se consolide, se fortifique, para servir ao País como ele tem servido ao longo da nossa História, não só em termos materiais como recursos humanos, uma vez que os funcionários do Banco do Brasil têm constituído sempre uma grande fonte de pessoal para todas as outras atividades mais altas das funções públicas.

Portanto, essa palavra é uma palavra que o presidente desejaria dar mais uma vez. Muitas oportunidades tenho tido em que tenho feito a mesma declaração sobre o que eu penso do Banco do Brasil, da sua importante função dentro do contexto da economia do nosso país.

Finalmente, eu quero dizer às brasileiras e brasileiros que há alguns dias tive a oportunidade de reunir-me com milhares de evangélicos para fazermos um culto de agradecimento a Deus pela supersafrá que acabamos de anun-

"Em dois meses, a inflação somou 75%. Os salários tiveram a mesma correção"

ciar, de cerca de 71 milhões de toneladas de grãos. Em três anos, a produção agrícola brasileira cresceu em 40%, o que não aconteceu, nunca, em nenhum país. A capacidade de armazenagem de grãos aumentou, no meu governo, de 15 milhões de toneladas.

Também eu devo lembrar que, naquele culto, fiquei feliz quando ouvi, de um dos participantes, que um país que tinha um presidente que vinha agradecer a Deus, juntamente com as brasileiras e brasileiros, pela grande safrá que estava colhendo, era um país que tinha fé e que, portanto, podia acreditar no seu futuro. É com esta palavra de fé e de esperança e de certeza no futuro que eu termino este programa desejando bom dia a todos vocês.

Muito obrigado".